



RAYMOND
CHANDLER

À
BEIRA
ABISMO DO

Tradução de
Fernanda Pinto Rodrigues

Prefácio de
António Mega Ferreira

Eram cerca de onze horas de uma manhã sem sol de meados de outubro, com prenúncios de chuva forte na claridade das encostas dos montes. De fato azul-esmalte, camisa, gravata e lenço de bolso azul-escuros, sapatos pretos e peúgas de lã da mesma cor, com pinhas azul-escuras, era, da cabeça aos pés, o que deve ser um detetive particular bem vestido. Apresentava-me aperaltado, limpo, barbeado de fresco e sóbrio, e não me importava que o soubessem. Fazia uma visita a quatro milhões de dólares...

O átrio principal da residência Sternwood tinha a altura de dois andares. Sobre as portas de entrada, por onde passaria à vontade uma manada de elefantes indianos, um grande painel de vidro colorido representava um cavaleiro de armadura negra a salvar uma dama amarrada a uma árvore e coberta apenas pelos cabelos convenientemente compridos. O cavaleiro empurrara para trás a viseira do elmo, numa atitude sociável, e mexia nos nós das cordas que prendiam a dama à árvore, mas sem obter resultados. Parei a observar o painel e a pensar para comigo que, se vivesse ali, mais cedo ou mais tarde amarinharia pela porta acima e daria uma ajuda ao indivíduo, pois ele não parecia esforçar-se com verdadeiro afinco.

As janelas do fundo, abertas até ao chão, davam para um largo relvado que conduzia à garagem branca, diante da qual um motorista jovem, delgado e moreno, de reluzentes polainas pretas, limpava um *Packard* castanho, descapotável. Para

lá da garagem viam-se algumas árvores decorativas, cuidadosamente aparadas, como lulus de luxo, depois uma grande estufa de telhado abobadado, mais árvores e, ao fundo, a cadeia maciça, irregular e sombria dos contrafortes montanhosos.

Uma escadaria de mosaicos, do lado leste do átrio, conduzia a uma galeria de balaustrada em ferro forjado e a outro painel romanesco, de vidro colorido. Encostadas à parede, nos espaços livres, viam-se cadeiras duras, com almofadas de pelúcia vermelha, nas quais parecia que nunca ninguém se sentava. Uma grande lareira vazia, com uma grade de latão montada em quatro painéis articulados, ocupava o centro da parede oeste. Encimava-a uma cornija de mármore, com cupidos aos cantos, por cima desta via-se um enorme retrato a óleo e, sobre o retrato, numa moldura de vidro, dois galhardetes cruzados, de cavalaria, rasgados por balas ou roídos pelas traças. O retratado era um militar de porte marcial, em grande uniforme, mais ou menos do tempo da guerra com o México, bigode preto, estilo imperial, ardentes olhos negros e o aspeto de um homem com quem era conveniente estar de acordo. Calculei tratar-se do avô do general Sternwood, pois parecia-me quase impossível que fosse o próprio general, embora me constasse ter idade muito avançada para ser pai de duas raparigas ainda na perigosa fase dos vinte anos.

Continuava a fitar os ardentes olhos negros quando uma porta se abriu, debaixo da escada, e, ao contrário do que supus, em vez do mordomo que estivesse de volta me apareceu uma rapariga.

Esta aparentava cerca de vinte anos, era pequenina e delicada, mas parecia sólida. Vestia calças compridas, de tom azul-pálido, que lhe ficavam bem, andava como se flutuasse, tinha cabelos castanhos, suavemente ondulados e muito mais curtos do que mandava a moda, e olhos cinzento-ardósia, que me fitaram quase sem expressão. Aproximou-se e sorriu-me discretamente, mostrando os dentes pequenos, agudos e rapaces, muito brancos e brilhantes como porcelana, a reluzir

entre os lábios finos, demasiado repuxados. O rosto, sem cor, dava-lhe um aspeto pouco saudável.

– Você é alto, hem? – disparou-me, sem mais nem menos.

– A culpa não é minha...

Arregalou os olhos, intrigada. Pensava. E, apesar de acabar de a conhecer, percebi que pensar seria sempre uma maçada para ela.

– Bonitão, também... e aposto que o sabe.

Resmunguei entredentes.

– Como se chama?

– Reilly, Doghouse Reilly.

– Que nome cómico!

Mordeu os lábios, voltou um pouco a cabeça e olhou-me de soslaio. Depois baixou as pálpebras, até quase tocar com as pestanas nas faces, e levantou-as de novo, lentamente, como uma cortina de teatro. O truque não me era estranho e destinava-se a conseguir que eu rebolesse no chão, com as quatro patas no ar.

– É pugilista profissional? – indagou, ao ver que o truque não resultava.

– Quase. Sou sabujo.

– Sa... sa... – Sacudiu a cabeça, furiosa, e a bela cor dos seus cabelos reluziu à luz fraca do grande átrio. – Está a trocar de mim!

– Hum, hum...

– O quê?

– Concordei; você ouviu.

– Você não disse nada; foi apenas impertinente!

Levantou a mão e meteu o polegar na boca. Era um polegar de forma estranha, magro e delgado como um dedo pos-tiço, sem articulação na primeira falange. Pôs-se a chupá-lo devagar e a rodá-lo na boca, como se fosse uma chucha.

– Mas que alto que você é! – exclamou, soltando uma gargalhadinha de íntimo prazer.

Depois voltou-se, lenta e flexivelmente, sem levantar os pés,

deixou cair as mãos ao longo do corpo, flácidas, e inclinou-se para mim, apoiada nos bicos dos pés. Caiu-me nos braços e não tive outro remédio senão agarrá-la, pois de contrário partiria a cabeça no chão de mosaicos. Ao sentir-se presa pelas axilas, dobrou as pernas, como se fossem de borracha, e tive de apertá-la a mim, para não a deixar cair. Mal senti a cabeça apoiada no meu peito, olhou para cima e riu de novo:

– Você é espertinho! E eu também...

Não lhe respondi, e o mordomo escolheu aquele momento para entrar pela porta envidraçada.

Pareceu não o perturbar o facto de me encontrar com a rapariga nos braços. Era um homem magro, alto e grisalho, dos seus sessenta anos, ou mais, de olhos azuis, distantes, pele lisa e luminosa e movimentos de quem possui bons músculos. Aproximou-se devagar e a rapariga afastou-se bruscamente, atravessou o aposento e subiu a escada com a agilidade de uma gazela. Desapareceu quase sem me dar tempo de respirar fundo.

– O general recebê-lo-á agora, Mr. Marlowe – informou-me o mordomo, inexpressivamente.

Levantei a cabeça, acenei-lhe e perguntei-lhe:

– Quem era?

– Miss Carmen Sternwood, senhor.

– Deviam tirar-lhe o vício da chucha; já é crescidinha.

Olhou-me com grave polidez e repetiu a informação de que o general me esperava.

Sáimos pela porta envidraçada e seguimos por um caminho de lajes vermelhas, de um dos lados do relvado. O jovem motorista limpava agora um automóvel preto, cheio de cromados. Assim que chegámos junto da estufa, o mordomo abriu uma porta lateral, afastou-se para me deixar passar e entrou atrás de mim numa espécie de vestibulo, quase tão quente como um forno de combustão lenta. Fechou a porta e abriu outra interior, que transpusemos também. Ali, sim, estava calor! Ar espesso, húmido, saturado de vapor e do perfume nauseante de orquídeas tropicais em plena floração; das paredes e do teto de vidro embaciado desprendiam-se grandes pingos de humidade que salpicavam as plantas. A luz tinha uma cor esverdeada, irreal, como se fosse filtrada através do tanque de um aquário, e a estufa abarrotava de plantas, de uma autêntica floresta de repugnantes folhas carnudas e caules semelhantes a dedos de mortos acabados de lavar, de cheiro tão ativo como o de álcool em ebulição sob um cobertor.

O mordomo fez o possível para evitar que as folhas encharcadas me tocassem na cara, e, por fim, chegámos a uma clareira no meio da selva, sob o teto abobadado. Aí, no chão de lajes hexagonais, estava estendida uma velha tapeçaria turca, encarnada, e sobre ela, numa cadeira de rodas, um homem velho e visivelmente moribundo, em cujas pupilas todo o fogo se extinguiu havia muito, mas que conservavam ainda a negrura e a firmeza dos olhos do retrato existente sobre a

cornija da chaminé, no átrio. O seu rosto era uma máscara de chumbo: lábios exangues, nariz afilado, têmporas encovadas e orelhas afastadas do crânio, prenunciadores de decomposição próxima. Apesar do calor insuportável, tinha o corpo descarnado envolvido numa manta de viagem e num desbotado roupão encarnado. As mãos, cadavéricas, semelhantes a garras e de unhas arroxeadas, jaziam, abandonadas, no regaço; algumas madeixas de cabelo ressequido e branco colavam-se-lhe à cabeça, como flores bravas a lutar pela sobrevivência numa rocha árida.

– Mr. Marlowe, general – anunciou o mordomo, parando diante dele.

O velho não se moveu, não falou, não acenou sequer com a cabeça; limitou-se a olhar-me inexpressivamente. O mordomo encostou uma cadeira de verga, húmida, à parte de trás das minhas pernas, sentei-me e tirei-me o chapéu com um gesto rápido e ágil.

O velho arrancou então a voz do fundo de um poço e disse:

– Brande, Norris. Como gosta do seu brande, senhor?

– De qualquer maneira – respondi.

O mordomo afastou-se por entre as abomináveis flores, e o general falou outra vez, devagar, poupando cuidadosamente as forças, como uma corista desempregada poupa o seu último par de meias em bom estado.

– Eu gostava do meu com champanhe. Champanhe tão fresco como o vale Forge, deitado por cima de quase um terço de brande. Pode tirar o casaco, se quiser; está muito calor, aqui dentro, para quem tem sangue nas veias.

Levantei-me, despi o casaco e tirei um lenço, para enxugar o rosto, o pescoço e os pulsos. St. Louis, em agosto, não era pior! Sentei-me e, maquinaalmente, procurei os cigarros, mas estaquei.

– Pode fumar – informou-me o velho, com um sorriso pálido, ao notar o meu gesto. – Gosto do cheiro do tabaco.

Acendi um cigarro e expeli uma grande baforada, que

aspirou como um *terrier* a farejar um ninho de ratos. O sorriso acentuou-se-lhe e arrepanhou-lhe as comissuras dos lábios.

– Mal vão as coisas quando um homem tem de satisfazer os seus vícios por procuração! – comentou secamente. – Tem diante de si, meu caro senhor, um triste sobrevivente de uma vida ostentosa, um destroço paralisado de ambas as pernas e que possui apenas metade do baixo-ventre. Pouco ou nada posso comer, o meu sono é tão parecido com a vigília que quase não merece tal nome e subsisto em grande parte por meio do calor, como uma aranha recém-nascida. As orquídeas são uma desculpa para o calor. Gosta de orquídeas?

– Nem por isso.

– São repugnantes – murmurou o general, semicerrando os olhos. – Assemelham-se muito à carne humana e o seu perfume possui a suavidade podre de uma prostituta.

Fitei-o, boquiaberto, sentindo o calor húmido envolvê-nos como uma mortalha, e o velho acenou cautelosamente, como se receasse que o pescoço não suportasse o peso da cabeça. O mordomo voltou nesse instante, empurrando através da selva um carrinho de chá, preparou-me um brande com soda, envolveu o frapê de cobre num guardanapo húmido e desapareceu entre as orquídeas. Passados momentos, ouvimos abrir-se e fechar-se uma porta.

Enquanto bebericava o brande, o velho general observava-me e lambia os lábios, repetidas vezes, passando lentamente um sobre o outro, com fúnebre aplicação, como um cangaheiro a limpar as mãos.

– Fale-me a seu respeito, Mr. Marlowe. Creio que tenho o direito de lho pedir...

– Sem dúvida, embora haja pouco a dizer a meu respeito. Tenho trinta e três anos, frequentei a universidade e ainda sou capaz de falar inglês, se for preciso, o que raramente acontece na minha profissão. Trabalhei uma vez para Mr. Wilde, o procurador de justiça, e foi o seu principal investigador, um

tal Bernie Ohls, que me telefonou a dizer que o senhor queria falar-me. Sou solteiro, pois não gostaria que a minha mulher fosse casada com um polícia.

– E é também um bocadinho cínico – comentou o velho, a sorrir. – Não gostou de trabalhar para Wilde?

– Fui despedido por insubordinação. A minha taxa de insubordinação é muito elevada, general.

– Já me aconteceu o mesmo. Por isso, a informação agradeceu-me. Que sabe acerca da minha família?

– Disseram-me que é viúvo e que tem duas filhas ainda novas, ambas bonitas e estouvadas. Uma foi casada três vezes, a última das quais com um ex-contrabandista de bebidas alcoólicas, conhecido no negócio pelo nome de Rusty Regan. É tudo quanto sei, general.

– Algum desses pormenores lhe pareceu estranho?

– Talvez o de Rusty Regan... Mas pessoalmente sempre me entendi bem com contrabandistas de álcool.

Sorriu, com o seu sorriso débil e parcimonioso.

– Ao que parece, eu também. Gostava muito de Rusty, um irlandês de Clonmel, robusto, de cabelos encaracolados, olhos tristes e sorriso tão largo como o Wilshire Boulevard. A primeira vez que o vi pensei que talvez fosse o que você pensa que ele é: um aventureiro embrulhado em veludo.

– Deve ter gostado, de facto, dele, visto que aprendeu a sua linguagem.

Meteu as mãos exangues debaixo da manta e eu apaguei a ponta do cigarro e bebi o resto do brande.

– Foi um sopro de vida para mim... enquanto durou. Passava horas comigo, a suar como um porco, a beber brande aos litros e a contar-me histórias da revolução irlandesa. Tinha sido oficial do Exército Republicano Irlandês e nem sequer estava legalmente nos Estados Unidos. Evidentemente, o casamento foi ridículo e, como casamento, nem um mês deve ter durado. Estou a contar-lhe os segredos da família, Mr. Marlowe.

– Não deixam, por isso, de ser segredos. Que lhe aconteceu?